

NOTAS SOBRE O SURGIMENTO DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA⁸

Carlos Rafael Pinto

PINTO, Carlos Rafael. Notas sobre o surgimento da filosofia da libertação na América Latina. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 13, ns. 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 219-224. 2007.

Historicamente, a Filosofia da Libertação tem como problema central: é possível uma Filosofia latino-americana?

Augusto Salazar Bondy disse “não” à possibilidade de uma Filosofia latino-americana, porque, para ele, “uma cultura dominada é aquela onde a ideologia do dominador foi adotada pelo dominado, pelo colonizado, diria Memmi”⁹.

No entanto, a outra hipótese se transformaria na “hipótese de trabalho”, lançada por um grupo de pensadores do Cone Sul da América Latina, na Argentina, sob o título de “Filosofia da libertação”. Eis a hipótese:

Parece que é possível filosofar na periferia, em nações subdesenvolvidas e dependentes, em culturas dominadas e coloniais, numa formação social periférica, somente se não se imita o discurso da filosofia do centro, se se descobre outro discurso. Tal discurso, para ser outro radicalmente, deve ter outro ponto

⁸ Texto apresentado por Carlos Rafael Pinto, graduado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio, na VI Semana de Filosofia do CES/JF e na XV Semana de Filosofia e V Semana de Comunicações Filosóficas da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Professor Rodrigo Rodrigues Alvim da Silva.

⁹ DUSSEL, 1977, p. 176

*de partida, deve pensar outros temas, deve chegar a diferentes conclusões e com método diferente*¹⁰. [sic]

A Filosofia da Libertação, como movimento filosófico, surgiu na Argentina. A situação argentina sócio-político e cultural da primeira metade da década de setenta fomentou de modo decisivo a investigação filosófica.

No contexto do nascimento da Filosofia da Libertação, a América Latina estava em um momento crítico, por causa das revoluções anteriores à década de setenta, como por exemplo, a *revolução cubana* que aconteceu em janeiro de 1959, propagando-se na vida política e na cultura latino-americana.

Do contexto latino-americano para o argentino, de um modo particular, verifica-se que a Argentina, depois da queda do regime populista de Perón, em setembro de 1955, vive um período “difícil e convulsionado”, chamado de “labirinto político” por Germán M. Argote¹¹, em que se alternam no poder governos militares e presidentes constitucionais. É um contexto político marcado por uma permanente e, às vezes, dramática substituição entre o populismo peronista, a democracia liberal e as ditaduras militares de tipo desenvolvimentista.

Em virtude da crise econômica e com medo do retorno do peronismo, depois de mais um golpe militar, em 28 de junho de 1966, as forças armadas empossam o general Juan Carlos Onganía. Neste período de crise:

A economia arruína-se aos poucos. A florescente indústria argentina - ainda o maior parque industrial da América Latina daquela época - entra em declínio. Abrem-se as fronteiras do país aos produtos estrangeiros. Torna-se a importar quase tudo,

10 DUSSEL, 1977, p. 176

11 cf. SILVA, 1998, p. 68

indiscriminadamente. A Argentina volta a ser exportadora de produtos agropecuários como há cem anos. O poder aquisitivo da classe média decai. O nível da população baixa drasticamente. O endividamento externo é crescente. Há insatisfação popular e conflitos latentes generalizados (R. Zimmermann, América Latina, 34, apud SILVA, 1998, p. 68).

O general Onganía continua no poder até meados de 1970, ano em que é deposto por uma junta militar que nomeia presidente o general Roberto Levingston, que foi substituído, em março de 1971, pelo general Alejandro Lanusse.

É neste contexto histórico que, em 1971, realiza-se o *II Congresso Nacional de Filosofia* em Córdoba, cidade universitária argentina. A problemática deste grupo de filósofos “parte da tomada de consciência de uma profunda inadequação entre a maneira tradicional de refletir e praticar Filosofia na América Latina e a realidade histórico-existencial do homem latino-americano”¹².

No contexto do *II Congresso Nacional de Filosofia*, o movimento da Filosofia da Libertação tem como propósito a reflexão da Filosofia pelos trilhos do entendimento da América Latina. Por conseqüência, surge como uma proposta clara e evidente: a elaboração de um “filosofar em situação”. Assim entende-se por “filosofar em situação”:

Pressupor que a realidade concreta seja ponto de partida para o filosofar é estar de acordo com o dado preliminar de que o homem existe e só pode existir em situação. A categoria a priori ao próprio existir é a situação. Da questão da situação, em certo sentido, se ocuparam Husserl, quando propõe a análise da Lebenswelt

12 SILVA, 1998, p. 69

(o mundo da vida cotidiana), e Heidegger com a realidade do ser-no-mundo¹³.

A respeito de “filosofar em situação”, ainda cumpre ressaltar que “a influência de Husserl e de Heidegger está presente, inicialmente, na compreensão existencial do homem como ser situado, que Ardiles e Dussel se esforçam por tematizar”¹⁴.

Essa proposta, portanto, pretende ser um novo trilha de reflexão que nasce de um contexto histórico-cultural cuja necessidade seria de repensar criticamente, *a partir da América Latina*, toda a história do continente e de cada país.

O primeiro resultado desse objetivo está representado e documentado no número monográfico que a revista *Nuevo Mundo* (1973) dedica ao problema da formação de uma Filosofia latino-americana. No prefácio deste número especial da revista, apresentam-se duas questões em evidência: a “técnica” e a do “sujeito histórico do pensar filosófico”.

Na aparente “questão técnica” funda-se uma questão morfo-semântica: Filosofia *em* ou *de* América Latina ou Filosofia latino-americana, o que oculta “o problema de uma filosofia da dominação ou de uma filosofia da libertação”¹⁵. E, na questão do sujeito histórico do pensar filosófico, é o “povo o que se constitui como sujeito histórico do filosofar”¹⁶.

Além da revista *Nuevo Mundo*, outros canais de difusão da reflexão filosófica da Libertação foram editados, como por exemplo, a *Revista de Filosofia Latinoamericana*, em 1975, tendo Enrique Dussel como um dos integrantes do Conselho de Redação.

13 SILVA, 1998, p. 120

14 SILVA, 1998, p. 120

15 SILVA, 1998, p. 72)

16 SILVA, 1998, p. 72

O manifesto da *Revista de Filosofia Latinoamericana*, 3, conclui que a Filosofia latino-americana possível seria a Filosofia da Libertação:

*O pensar filosófico que não assuma uma postura crítica acerca de seus condicionamentos e não se lance historicamente no esclarecimento e na libertação do povo latino-americano é agora, mas o será muito mais no futuro, um pensar decadente, supérfluo, ideológico, encobridor, desnecessário*¹⁷.

A revista *Stromata* editada pela Universidade do Salvador de San Miguel (Argentina) também funcionou como um dos canais de difusão da reflexão filosófica da Libertação, preocupando-se, de modo especial, com a Filosofia latino-americana, pois “não se trata, antes de tudo, da filosofia que se cultiva em nossa América, senão do pensar filosófico que se faz *a partir* da América Latina, *a partir* de sua peculiar situação histórica e respondendo a ela”¹⁸.

R. Fernet-Bentacourt também se preocupou com a proposta inicial do “discurso filosófico libertador”, afirmando que há dois momentos fundamentais para a sua estruturação: (1) “momento de confrontação crítica com a tradição filosófica européia” e (2) “vinculação essencial da filosofia com a práxis de libertação”¹⁹.

Entretanto, considera Fernet-Betancourt

À medida em que a filosofia da libertação vai madurando e clarificando suas proposições, estes dois momentos ou pressupostos iniciais vão sendo também objeto de revisão crítica e que seu conteúdo, portanto, vai-se diferenciando. Contudo, pode-se pensar, sem demasiado risco de erro, que estes momentos constituem dois dos eixos em torno dos quais gira o desenvolvimento ulterior da

17 SILVA, 1998, p. 73

18 J. C. Scannone, Presentación, 391, apud SILVA, 1998, p. 73.

19 SILVA, 1998, p. 74

filosofia da libertação (R. FORNET-BETANCOURT, *La Filosofía de la Liberación*, 136-137, apud SILVA, 1998, p. 74). [sic]

Com efeito, esses dois momentos se unem pelo ponto de partida da Filosofia latino-americana da Libertação que seria a realidade da América Latina. De modo que a situação latino-americana seria vista desde o nível da realidade, “quando se levam em conta não só os seus elementos objetivos, mas também o modo como os latino-americanos são modelados por eles, respondem a eles, se servem deles e os transformam” (SILVA, 1998, p. 74).

Em suma, é com esse contexto que o filosofar libertador estaria comprometido: os problemas que afetam concretamente a existência do povo latino-americano.

BIBLIOGRAFIA

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América Latina**. Trad. Luiz João Gaio. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1977. 281p.

SILVA, Márcio B. da. **A filosofia da libertação: a partir do contexto histórico da América Latina**. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1998. 344p.